



A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA: UMA BREVE REFLEXÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem. 3664

Natalia Scarabeli Zancanari, UFGD

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar como a temática indígena está sendo estudada na sala de aula, sobretudo nas questões que implicam as representações de imagens estereotipadas, construídas historicamente, marcando a maneira como o índio tem sido representado no ambiente escolar. Essa questão foi abordada na escola municipal Thereza Siqueira Mendes na cidade de Santa Fé do Sul, localizada no interior do estado de São Paulo. Desse modo, foram coletadas ilustrações produzidas pelos anos da 6^o série do ensino fundamental retratando os índios nos dias atuais, propiciando considerar sobre os estereótipos produzidos sobre os indígenas mediante a análise dessas imagens. Outras fontes como letra de música e referencial bibliográfico também fazem parte do material empírico presente neste trabalho. Assim, busca-se estabelecer uma reflexão sobre como a questão indígena é representada, no intuito analisá-la a partir de outro prisma, a partir da desconstrução de idéias historicamente construídas de modo a não aprisionar os povos indígenas ao passado.

Palavras Chave:

Representação; Sala de Aula; Indígenas.

Introdução

O objetivo deste artigo é contribuir com algumas reflexões sobre a temática indígena na educação, sobretudo nas questões que implicam as representações e construções culturais dos povos indígenas na sala de aula, onde em muitos casos a representação reforça a imagem da existência dos povos indígenas apenas durante o período do contato com o europeu, de modo a não ser demonstrado a sua historicidade.

O historiador John Manuel Monteiro fala sobre a ausência da participação ativa dos indígenas como atores históricos na historiografia tradicional. Segundo o autor “com a construção da figura do bandeirante, entre outros mitos da colonização, o papel histórico do índio foi completamente apagado” (Monteiro, 1994, p. 119).

No século XIX, os índios passaram a ser vistos como povos primitivos enquanto os europeus como povos civilizados, ou seja, a conquista, a presença dos jesuítas, a colonização eram descritos a partir da visão dos portugueses. Tanto nos livros didáticos quanto na mídia. Nessa escala evolutiva muitos autores descrevem suas concepções de mundo e, nas suas representações, não havia lugar para o diferente. Desde então, esses povos tem tido uma participação pouco expressiva em nossa historiografia e no cotidiano escolar sendo geralmente estudados como dominados e aldeados. Essas interpretações construíram uma imagem imóvel dos índios e essa imagem é disseminada nas salas de aula no processo de ensino aprendizagem.

No cerne das temáticas sobre a questão indígena são utilizados elementos centrais como a educação e representação cultural. “Trabalhando assim sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros (...)”. (CHARTIER, 1988, p.23). Deste modo, segundo o mesmo autor:

“As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares e políticas) que tendem a impor uma autoridade a custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador, ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1988, p.17).

Neste caso, é necessário compreender que as realidades são construídas por diferentes grupos e que, por meio de suas práticas ou de suas formas próprias de estar no mundo, vão construindo suas identidades socioculturais. Assim, a utilização do conceito de representação é proposto como referente à elaboração de sentidos

para o mundo, para os outros e para si mesmo, estando associado também à construção de identidades.

Embora a presença dos grupos indígenas no cenário brasileiro caracteriza como grupos culturalmente diferenciados, eles também são representados por uma série de discursos que os estruturam. Estes discursos aparecem repletos de estereótipos e preconceitos.

Neste contexto Oliveira (2003) retrata as representações do diferente produzidas a partir de outros olhares, como o “orientado” vistos a partir do “ocidente” e a “imagem dos Incas e Astecas a partir do olhar espanhol”. Para o autor:

“(…) a rede de poder em que as questões culturais estão inseridas, apontando que a diferença tem sido marcada de forma hierarquizada e assimétrica, e que os sujeitos ou as práticas mostradas (as) como diferentes o são de forma que pareçam inferiores, de modo que a diferença não é estabelecida desinteressada e inocentemente, mas é instituída a partir de discursos e “olhares poderosos” (OLIVEIRA, 2003, p.30).

Diante disso, nota-se a generalização e simplificação que a questão indígena é representada, de forma a contribuir para a formação de estereótipos e preconceitos. Com as imagens estereotipadas e enraizadas sobre os índios aparecem como resultado de uma falta de problematização da temática em que esses povos acabaram aprisionados ao passado.

Construção de estereótipos

As ideias estereotipadas e preconceituosas a respeito dos indígenas no Brasil foram originadas pela própria historiografia sob influência do etnocentrismo europeu.

Segundo Oliveira (2003, p.26) o estereótipo é composto por “formas discursivas que tendem a generalizar características, vozes e imagens, traços comuns articulados estrategicamente”. Deste modo, para Antônio Carlos de Souza Lima:

“Há alguns anos, não é mais novidade o quanto a imagem dos índios, populações nativas do nosso território que hoje definimos como brasileiro, tem sido construída de modo simplificador e estereotipado, tanto pela historiografia mais tradicional, quanto pelos livros didáticos que a produzem.

(...) há estruturas cognitivas profunda e longamente inculcadas na maneira de pensar

a história brasileira que orientam a percepção, e permitem a reprodução, de um certo universo imaginário em que os indígenas permanecem como povos ausentes, imutáveis, dotados de essências a-históricas e objeto de preconceito: nunca saem dos primeiros capítulos dos livros didáticos; são, vaga e genericamente, referidos com *um dos componentes do povo* e da *nacionalidade* brasileiros, algumas vezes tidos como vítimas de uma terrível “injustiça histórica”, *os verdadeiros senhores da terra*.

Não surgem enquanto atores históricos concretos, dotados de trajeto próprio, participantes de guerras pelo controle de espaços geográficos específicos, inimigos, mas também muitas vezes aliados, beneficiários e instrumentos dos conquistadores, presentes até hoje em tudo que se passa em muitas regiões do Brasil (LIMA, 1995, p.407-409).

A história tradicional produzida pelas elites intelectuais brasileiras fez com que permanecesse a ideia de que o Brasil é representado por uma nação relativamente branca e homogênea, possuidora de uma mesma língua (oficial), ocultando a presença da população indígena brasileira que variava entre 300 e 700 mil indígenas pertencentes a mais de 225 povos que falam mais de 180 línguas diferentes, cada um possuidor de sua cultura, histórias e saberes próprios.

Deste modo, entende-se que os índios são representados como sendo povos todos iguais e que apenas tenham vivido no período colonial da história do Brasil. Assim, quando se refere aos conhecimentos dos índios no período do descobrimento do Brasil e os contatos com os europeus é discutido em sala de aula as contribuições na formação cultural e ressaltam a presença indígena no “Dia do Índio”, caracterizando crianças com penas e rostos pintados, as escolas representam os índios como figuras do nosso folclore, genéricos, míticos do nosso mundo real e cotidiano. Assim são representados de forma imutável em suas tradições e modos de vida, ou seja, permanece a ideia de que a cultura indígena desapareceu, apresentando alguns vestígios e por isso devem ser lembrados pela escola no “Dia do Índio”. Neste caso, nota-se que não é discutido a continuidade e permanência da cultura indígena na sociedade brasileira, ao invés de propor atividades de reflexão e problematização sobre a temática, a fim de diminuir os preconceitos.

Sob esta perspectiva, o historiador Antônio Adolfo Varnhagen descreve o Brasil a partir de uma visão colonizadora acrescida de

superioridade racial branca (europeia) em que descreveu os índios brasileiros de forma genérica como possuidores de uma raça e uma língua, como “selvagens, hostis entre si, imorais, sem lei e sem religião, dotados de uma humanidade bestial”(Reis, 2002, p.35-36). De modo que o papel do indígena aparece como coadjuvante na construção da nação, atribuindo passividade, ocultando suas lutas, suas escolhas, seu cotidiano e especificidades históricas e culturais.

Esta passividade aos indígenas é resultado de uma história tradicional, dita oficial “vista de cima”, baseada na história dos grandes homens, excluindo a história do cotidiano de índios, negros, mulheres, entre outros.

Neste contexto, Gilberto Freyre também compôs na época colonial brasileira uma visão desfavorável aos indígenas, apresentando uma perspectiva estereotipada, etnocêntrica e evolucionista como “selvagens” e “atrasados ao contato com a (raça) adiantada” (FREYRE, (1993) 2002, p.161).

A ideia de “branqueamento” de superioridade da raça branca era predominante. Dessa mesma forma, as óticas eurocêntricas do europeu conquistador foram consideradas como “selvagens”, “primitivos”, “atrasado”, servindo de mão-de-obra escrava para serem explorados, sendo negado enquanto parte integrante da população brasileira na atualidade. Assim, nota-se que os estereótipos e representações da imagem negativa aos índios foram sendo produzidos e reproduzidos ao longo de mais de 500 anos de conquista.

Neste contexto podemos analisar os versos da música da cantora brasileira Rita Lee, cuja letra é carregada de generalizações reproduzindo estereótipos em relação ao índio:

“Se Deus quiser, um dia eu quero ser índio
Viver pelado, pintado de verde num eterno domingo.
Ser um bicho preguiça e espantar turista
E tomar banho de sol
Banho de sol”¹

A letra da música retrata o índio como preguiçoso, desocupado, cuja vida se resume em viver na mata despreocupado e não possuir nenhum tipo de vestimenta. Na realidade, a vida do índio não condiz com as descrições acima. Segundo Ana Paula e Marta Coelho no artigo

¹ LEE, Rita. Baila comigo. Bossa'nroll. Sigla – Sistema Globo de Gravações, 1991.

“Desconstruindo estereótipos: apontamentos em prol de uma prática educativa comprometida eticamente com a temática indígena”, retratam a vida dos índios na cidade de Dourados (Mato Grosso do Sul).

“(…) índias da Reserva Indígena acompanhadas de suas crianças, logo de manhã (especialmente aos sábados), vendendo milho, mandioca ou outros frutos de seu árduo trabalho na reserva. Certamente, elas preparam os produtos ainda na madrugada, pois geralmente estão frescos. No caso do milho, colhem-no e, junto com os filhos, tiram as palhas, contam as espigas, separam-na de 12 em 12, colocam em sacolas plásticas, arream o cavalo, preparam a carroça, preparam alguma alimentação para a família e vêm para a cidade passar o dia vendendo seu produto debaixo do sol e, às vezes, da chuva. Isto é “vida boa”? “Eterno domingo”? “Banho de sol”?

As realidades indígenas estão distantes do que são passados nas mídias, escolas e outros meios de comunicação. Vivemos sob a representação de uma imagem indígena carregada de romantismo presente dos filmes, desenhos e na literatura, cujo modo de vida se encontra parado no tempo onde o cotidiano desses povos se resume de caça e pesca ou meios de comunicação que exercem poder em prol dos interesses dos fazendeiros desalojando milhares de famílias indígenas de suas terras onde. Mas a realidade não condiz com esse tipo de representação, a descrição acima nos mostra o quanto a vida desses povos vem se tornando cada vez mais difícil, lidar com uma sociedade cheia de preconceitos e estereótipos.

Um exemplo disso a cidade de Dourados onde não existem mendigos ou pedintes existem índios, onde as crianças pedem comida e dinheiro nas ruas e portas de mercados, reviram lixos em busca de comida, na maioria das vezes no frio não possuem roupas adequadas para se protegerem, circulando com os adultos em charretes. Essa situação não é mostrada nos meios de comunicação e nas escolas mostrando a realidade de que hoje esses povos vivem, para que possamos iniciar uma conscientização do respeito e importância e oferecer melhores condições de vida.

A representação por meio de ilustrações

No intuito de compreender como os estudantes da 6ª série da escola municipal Tereza Siqueira Mendes localizada na cidade de Santa Fé

do Sul no interior do estado de São Paulo, cuja presença do índio parece tão distantes, foram observadas algumas ilustrações referentes a população indígena, onde retrataram como o índio vive nos dias atuais.

Dentre as ilustrações foi deparado com a representação dos índios nos moldes eurocêntricos, vivendo da caça, da pesca e com pouca roupa e penacho na cabeça.

Nota-se na maioria das ilustrações perdura a perspectiva eurocêntrica da história, ou seja, a imagem de que os povos indígenas só existiam no Brasil durante o período do descobrimento com o contato dos europeus, não demonstrando sua historicidade. As representações construídas pelos alunos ainda carregam características das imagens construídas e difundidas pelas escolas ao longo da história do Brasil, as mesmas que favorecem a exclusão e a participação indígena na construção da sociedade e como parte integrante da cultura brasileira.

As imagens reproduzem os povos indígenas vivendo em ocas e se alimentando da caça, pesca e frutos totalmente integrado a natureza, como sendo um sujeito preso ao passado, sobretudo no período colonial. Este modo de vida não retrata os índios na atualidade, destituídos de seu habitat e de qualquer pedaço de terra que lhes são de direito, vivendo em cidades de maneira muitas vezes desumanas.

Por meio das imagens representadas pelos alunos podemos notar que os índios são tomados genericamente, como se fossem todos iguais, ignorando os diferentes modos de vidas e etnicidade de cada grupo. Para o autor Luís Donizete Grupioni ao se referir ao indígena como “A imagem de um índio genérico, estereotipado, que vive nu na mata, mora em ocas e tabas, faz canoa, gosta de se enfeitar, come mandioca (...)”. Notamos como é perceptível a apresentação de um indígena despregado da realidade que são representados no tempo passado, desvinculando da realidade atual em que vivem. Neste caso, é necessário analisar como a questão indígena é representada, no intuito de compreendê-la a partir de outro prisma, a partir da desconstrução de ideias historicamente construídas de modo que as imagens desses povos não apareçam de forma estática, ou seja, presa ao passado.

Considerações Finais

Compreendemos que pensar a temática indígena na Educação é o ponto fundamental para o reconhecimento das diferenças culturais existentes em nossa sociedade. Assim como, para entendermos a respeito estas diferenças,

sobretudo no mundo presente, ou seja, nossa realidade local, regional e nacional. A questão principal considerada nesta perspectiva é o protagonismo indígena na condução dos seus processos históricos, embora exista ainda enraizada nas escolas a interpretação oficial dos fatos.

Porém, cabe ressaltar que essa visão da questão da visão indígena que encontra inserida aos espaços acadêmicos e sendo aos poucos vinculadas por meio da imprensa, congressos e seminários nacionais e internacionais, desmistificando os estereótipos produzidos ao longo dos mais de 500 anos de conquista, destacando a existência de práticas e discursos do não reconhecimento dos povos indígenas como sujeitos históricos.

Assim, é necessário um compromisso ético dos educadores em conhecer melhor as questões indígenas e um trabalho sistemático de desconstrução, contribuindo para uma nova forma de ler a questão indígena. Neste sentido, torna-se fundamental refletir como os professores trabalham com o termo indígena na sala de aula, pois é um dos principais vínculos de transmissão de conhecimentos, imagens e representações na escola. Por isso a necessidade de uma construção das representações mais favoráveis adequado com a história dos povos indígenas. De modo que, os povos indígenas historicamente estigmatizados e estereotipados sejam reconhecidos e representados de outra forma.

Deste modo, é preciso pensar os processos educativos no sentido de desconstruir a imagem estereotipada e preconceituosa existente sobre as sociedades indígenas, de forma que evite conceitos em que os índios são vistos como preguiçosos e primitivos. Neste sentido, é preciso pensar o índio como sujeito histórico, capazes de lutar por seus direitos, tomar decisões e não serem

vistos como vítimas da história.

Referências

- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.
- GUPIONI, Luís Donisete Benzi; VIDAL, Lux Boelitz. Prefácio. A tolerância e os povos indígenas: a busca do diálogo na diferença. In: GRUPIONI, Luís Benzi; VIDAL, Lux Boelitz; FISCHMANM, Roseli (orgs). **Povos indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade**. São Paulo: Edusp, 2011.
- LIMA, Antonio Carlos de Souza. Um olhar sobre a presença das populações nativas na invenção do Brasil. In: Silva, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benze (orgs.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1.º 2.º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala – Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 1**. 46. Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. Record, 2002.
- OLIVEIRA, Teresinha Silva de. **Olhares que fazem a “diferença”: o índio em livros didáticos e outros artefatos culturais**. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/ Fev/ Marc/ Abr. 2003.
- REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagem, o elogio da colonização portuguesa. In: _____. **As identidades do Brasil, de Varnhagem a FHC**. 5. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- MANCINI, Ana Paula Gomes; TROQUEZ, Marta Coelho Castro. **Desconstruindo estereótipos: apontamentos em prol de uma prática educativa comprometida eticamente com a temática indígena**. *Tellus*, ano 9, n.16, p.181-2016, Jan./Jun. 2009. Campo Grande – MS.
- MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994^a.